



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

MEMÓRIA E CULTURA POP: O MOVIMENTO PUNK

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (LE GOFF, 1990)

MEMORY AND POP CULTURE: THE PUNK MOVEMENT

GUIMARÃES, Maria Paula; Mestre; Universidade Estadual de Minas Gerais,
mariapauladesigndemoda@gmail.com¹

RIBEIRO, Rita A. C.; Doutora; Universidade Estadual de Minas Gerais,
rita.ribeiro@uemg.br²

Resumo: Após 40 anos de existência, o movimento punk tem-se mostrado presente na memória social e na moda até os dias de hoje. Este artigo avaliou a presença do movimento punk em uma exposição no *Metropolitan Museum* de Nova York e a roupa como objeto de memória, sob a luz de autores que dedicaram seus trabalhos ao estudo da memória.

Palavras-chave: Movimento Punk; Memória; Moda; Museu.

Abstract: After 40 years of existence, the punk movement has been present in social memory and in fashion to this day. This article evaluated the presence of the punk movement in an exhibition at The Metropolitan Museum in New York and clothing as object of memory, in the light of authors who dedicated their work to the study of memory.


Keywords: Punk movement, Memory, Fashion; Museum.

Introdução

Em maio de 2013, o *Metropolitan Museum* de Nova York, inaugurou a exposição “*Punk: Chaos to Couture*”, cerca de 40 anos após o início do movimento, a estética punk foi lembrada e celebrada em um dos mais consagrados espaços de arte mundial. Nos dias de hoje, ao se usar uma calça rasgada e enfeites de taxás pontiagudas, *spikes*, tem-se muitas vezes apenas uma vaga noção do que essa estética representa. Uma das formas de eternizar a estética do movimento punk foi por meio das roupas. A memória coletiva faz-se presente então, como no texto de Pollak (1989), referenciando Halbwachs, “não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo”. A memória do movimento vem sendo preservada por diversos meios, como é o caso das diversas exposições em museus de todo o mundo. A exposição PUNK: *Chaos to Couture*,

¹ Mestre e doutoranda em design, UEMG, professora e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Design & Representações Sociais.

² Professora, pesquisadora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Estadual de Minas Gerais. Líder do Grupo de Pesquisa Design & Representações Sociais.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


ocorrida em 2013 no *Metropolitan Museum* de Nova York, debruçou-se especificamente na influência do movimento na criação de moda, principalmente da alta costura.

A exibição do *Met Costume Institute* na primavera de 2013, *PUNK: Chaos to Couture*, examina o impacto na alta moda do movimento nascido em 1970 e da sua contínua influência até os dias de hoje. Composta de aproximadamente uma centena de peças femininas e masculinas, a exposição inclui peças originais e recentes, que ilustram como a alta costura e o *ready-to-wear* tomaram emprestado os símbolos visuais do punk. (Site: The Met)³(Tradução da autora)⁴

A exposição teve como foco a ligação entre o “faça você mesmo” do universo conceitual *anti-establishment* punk e o conceito do sob medida da alta costura exibida nas sete galerias da exposição além da ambientação cuidadosamente feita para trazer o visitante ao universo punk, como a reconstituição do banheiro pichado e desconstruído da loja *C.B.G.B.* em Nova York. Alguns aspectos podem ser analisados a partir dessa exposição, este artigo tem como objetivo mostrar como a roupa pode constituir objeto de memória e dessa forma ter o poder de influenciar esteticamente outras gerações. Para tanto tomaremos por base, teorias sobre memória e identidade de autores como Pollak (1989), Stallybrass (2008), Candau (2016), Le Goff (1990). No trabalho de Michel Pollak, *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989), percebe-se que a memória coletiva ao ser reproduzida sofre uma forma de enquadramento. Por enquadramento entende-se, segundo o autor, a interpretação e combinação de um sem-número de referências associadas guiadas pela preocupação de manter as fronteiras sociais e a reinterpretação do passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1989, p. 9-10). Este enquadramento tem como objetivo a tentativa de manter uma coesão interna e de defender as fronteiras de um determinado grupo. Uma exposição, como o caso da exposição “*Punk: Chaos to Couture*”, rememora o passado de uma subcultura, e, em seu papel de

³(Fonte: TheMet, disponível em: <<https://www.metmuseum.org/exhibitions/listings/2013/punk>> acesso em: 23 jul. 2018)

⁴The Met's spring 2013 Costume Institute exhibition, *PUNK: Chaos to Couture*, examines punk's impact on high fashion from the movement's birth in the early 1970s through its continuing influence today. Featuring approximately one hundred designs for men and women, the exhibition includes original punk garments and recent, directional fashion to illustrate how haute couture and ready-to-wear borrow





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


enquadramento, tenta reviver a estética do movimento com detalhes, guiado por uma pesquisa baseada em fotografias de época. A reconstrução desta memória pela exposição foi baseada na interferência do movimento punk na produção de moda, revelando sua identidade através da reconstrução do passado. Desta forma, após 40 anos de existência a estética punk encontrou um lugar de memória “oficial”⁵, onde sua estética subversiva e princípios contestatórios, que serão analisados posteriormente neste artigo, foram divulgados para fora de seu grupo de origem. Entende-se que a cultura punk tem diversas manifestações como música, poesia, roupa, identidade visual, porém, neste artigo analisaremos a estética da roupa como forma de comunicação da identidade e memória.

A roupa e a memória

As roupas, como objeto de design, possuem uma identidade cultural, social e nacional e são um testemunho de sua época. De posse de identidade e identificação com o grupo, as roupas mostram muito além de forma, técnicas de fabricação, volumes e cores, mas também conceitos relativos à sua cultura, história, aspectos econômicos, ligação com o tempo e espaço aos quais se relacionam. Segundo Benarush (2012, p. 115) “A roupa, quando vira memória, evidencia trajetórias cotidianas e propõe reflexões próprias que podem e devem ser comparadas às suas representações textuais e imagéticas.” Condizente ou não com a moda de sua época a roupa traduz em seu aspecto e materialidade o conceito de identidade e o envolvimento emocional, corporal e sensorial das pessoas que a usaram. Ainda segundo Benarush (2012), “As roupas materializam um tempo passado, dão-nos uma noção ideológica de sua cultura e representam a sociedade que as criou e que as vestiu.” Sendo assim analisar o movimento Punk, por meio da roupa colabora com a compreensão da estética do movimento de uma forma abrangente, bem como o grupo com o qual ele se identifica.

Em seu livro “O Casaco de Marx”, Peter Stallybrass (2008) aborda as relações entre as roupas e o indivíduo. Para ele, as roupas possuem a personificação do indivíduo,

⁵ Entende-se por memória oficial aquilo que se refere aos acontecimentos celebrados em caráter nacional, mas nesse caso a memória oficial refere-se ao fato de que a memória do movimento de cultura massiva popular punk ascende ao museu.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

recheada de valores simbólicos que transcendem ao valor material do produto. Uma vez na sociedade capitalista, onde a necessidade do produto novo se faz a cada momento, a roupa, recebe de seu proprietário/usuário, seu cheiro, suas formas concedendo-lhe um significado especial e único. Para o autor a roupa é um material que é “ricamente absorvente de significado simbólico e no qual as memórias e as relações sociais são literalmente corporificadas.” (STALLYBRASS, 2008, p.15). O fato de que a roupa pode eventualmente mudar de mãos, ou mais precisamente ser comprada e usada por outra pessoa contribui ainda mais para o processo de valorização deste produto. A cada uso, a peça enche-se de significados e cada dobra, desgaste ou mancha transforma-se em memória. O autor ainda argumenta, o fato de que a roupa ao longo de sua vida sofre intervenções de diversos agentes, desde a fabricação do tecido ao produto final, também por quem a veste, fato que a torna poderosamente ligada à memória. Em suma, para o autor a roupa é a memória.

A roupa tende, pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente. (STALLYBRASS, 2008, p. 14).


Segundo Benarush (2012), a roupa quando vira memória, pode ser interpretada associada a uma pesquisa historiográfica validando seu poder cultural e conferindo autenticidade, salvando-se do esquecimento. Nos periódicos, artigos, fotos, ilustrações e pinturas de época é possível comprovar historicamente sua autenticidade, evidenciando sua trajetória cotidiana, ou seja, se está de acordo com a voga ou se fazem parte de uma subcultura ou de uma “antimoda⁶.” É pela pesquisa que um objeto utilitário e corriqueiro como a roupa pode tornar-se um documento a partir do qual é possível construir conhecimento. (JULIÃO, 2006, *apud* BENARUSH, 2012, p. 115-116)

O rock no museu

Segundo Huyssen (1996), após a década de 1960, com o ruir dos principais dogmas da modernidade⁷, especialmente na Europa e Estados Unidos, observa-se um

⁶antimoda: São formas de expressão opostas à indústria da moda e que representam reações contra o que está na moda (WILSON, 2003).

⁷ Por modernidade Huyssen (1996, p.222) considera este embate como signo de uma proposta central, a “ditadura do futuro”, cuja retórica baseava-se na total rejeição à tradição e cultivava a celebração apocalíptica de um vindouro totalmente diferente, onde o





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE


DE 09/09 A 13/10 DE 2021

movimento de restauração historicizante de centros urbanos, cidades e paisagens inteiras, ressaltando-se a importância da conservação do patrimônio cultural, material e imaterial e das identidades nacionais. Nesse sentido também houve uma modificação no papel dos museus que deixam de ser os guardiões das artes e dos monumentos históricos, responsáveis pela constituição de uma identidade nacional, ou seja, da conservação da memória e história propriamente dita, para também serem capazes de enaltecer os valores culturais específicos de uma comunidade, cidade, região ou país em seus aspectos menos materiais e monumentais para os mais imateriais e intangíveis. Para Lipovetsky e Serroy (2015, p. 287-288) sob o viés do capitalismo artista, “Não existem mais cidades grandes e médias que se imaginem sem um museu capaz de contribuir para a sua divulgação e seu desenvolvimento turístico.” Os museus então, segundo os autores, fomentam receitas comerciais e número de visitantes com exposições, espetáculos, “Trata-se de criar um espetáculo tão pregnante que capta mais a atenção que as próprias obras, [...] propõem propriamente um hiperespetáculo.” E afirmam-se através do gigantismo, arquitetura inovadora, imagem e impacto. Com a universalização da cultura mercantil o museu acaba por corporificar o fim das heterogeneidades tradicionais da esfera cultural diluindo as fronteiras entre a alta e baixa cultura e enquadram-se nas novas lógicas de consumo e novos estilos de vida.

A onda retrô⁸ também contribui para esse novo museu com suas novas formas de preservação de memória. Guerra e Alberto (2018, p. 5) ressaltam “[...]que a extensa proliferação dos museus sinaliza também a emergência da memória como fenômeno ligado à nostalgia”. Segundo os autores, entende-se por nostalgia “uma saudade dos bens do passado que vieram de uma experiência pessoal de crescer no mundo estressante do rápido capitalismo”, explicada pela constante aceleração do consumo capitalista que desencadeou, principalmente na geração *baby boomer* uma volta principalmente aos

museu era um “bode expiatório plausível (...) que incorporava toda a monumentalização, hegemônica e as aspirações pomposas da era burguesa, que viu seu fim na falência da Grande Guerra”. (HUYSEN *apud* GUERRA; ALBERTO, 2018, p. 6)

⁸ retrô: “o febril apego da cultura pop contemporânea ao seu próprio passado, através do constante uso de referências a si mesmo, e da volta de diversos elementos de décadas anteriores na prática musical do presente.” (GUERRA; ALBERTO, p.6, 2018).





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

valores estéticos de épocas passadas fazendo renascer estilos que materializem eras anteriores.

Dessa forma a cultura popular através de um de seus principais vetores, a música e mais precisamente o rock'n'roll, tem seu acesso garantido em vários museus, bem como a criação de museus dedicados exclusivamente ao rock. Para Guerra e Alberto (2018, p. 9), o rock, “é velho o suficiente e aceitavelmente estabelecido como uma forma artística que pode justificar sua indústria museológica própria”, sendo assim exposições e espaços de memória do rock'n'roll apareceram em diversos países nas últimas décadas.

Exposições itinerantes e espaços destinados à memória do Rock'n'roll se proliferaram, consagrando à cultura pop um lugar de destaque na sociedade contemporânea. Para Candau (2016), a contemporaneidade vive uma falência das grandes memórias organizadoras e a estas substituem memórias numerosas e considera que hoje o importante não é falar sobre o desaparecimento dessas memórias, mas sim de sua transformação.

Diante desse contexto, cada vez mais indivíduos e pequenos grupos autoproclamam-se guardiões de memórias e aos museus como equipamento cultural, que de uma certa forma, fugiram de seu papel tradicional, delega-se uma nova construção de memórias associadas a expressões culturais diversas, como é o caso dos museus dedicados ao rock'n'roll. Ainda segundo Guerra e Alberto (2018, p. 9) o rock'n'roll nos museus configura-se “através de exposições em destaque ou mostras permanentes, tais espaços e apoiados em uma *mise-em-scène* espetacular, abrigam todo tipo de artefato relacionado ao gênero e suas manifestações, [...]”. Fica claro então, que preservar a memória da cultura popular de massa através de sua presença nos museus é um traço marcante presente na contemporaneidade. O movimento punk, deixou marcas importantes na cultura popular, tanto na música quanto na estética, o que lhe reserva um espaço considerável na memória.

O movimento punk



A contestação e rebeldia contra o sistema vigente, bem como a esperança de grandes mudanças são as principais características da cultura jovem do final dos anos de 1960. Segundo Ivone Gallo (2010), no final dos anos 1960 o movimento hippie deixou marcas indelévels na cultura mundial com sua aversão ao modelo capitalista com sua bandeira de paz e reencontro com a natureza, na expectativa de construção de um mundo melhor. Segundo a autora, nascido em meados de 1970, o movimento punk, surge como uma manifestação de jovens filhos de operários das periferias de Londres e nos subúrbios de Nova York, na tentativa de uma ruptura de todo o *establishment* de sua época, assumindo uma postura de revanche por meio de uma “atitude violenta e irreverente”. Assumiam uma aversão ao proposto pelo movimento jovem anterior, pois as crenças de um mundo melhor através dos valores do amor, amizade e harmonia com a natureza, características estas do movimento hippie, haviam sido frustradas pela postura neoconservadora de governos como o de Thatcher na Inglaterra (1979-1990) e Reagan nos Estados Unidos(1981-1989).

O movimento punk, ainda segundo Gallo (2010), utiliza várias formas de expressão artística que se interligam com o intuito provocativo, confrontando a moral e explorando temas polêmicos em performances transgressivas, associados ao uso de drogas pesadas. Segundo Rodrigues (2012, p. 32), “esse desgosto e ceticismo dos punks com o mundo em que viviam se expressava em suas criações artísticas, de peças de teatro a publicações literárias;”. Entretanto, foi principalmente na música com uma sonoridade vinda do rock’n’roll, mas, adotando letras que exploram em um tom apocalíptico a podridão da sociedade vigente na época que o punk se immortalizou. Sua irreverência produziu letras polêmicas como a música “*no future*” da banda *Sex Pistols* parodiando o hino nacional inglês⁹, além de apresentações carregadas de atitudes irreverentes por parte dos integrantes das diversas bandas. Impregnados pelo lema “*Do It Yourself*”, “faça você

⁹ “God save the Queen-And the fascist regime/It made you a moron-A potential H bomb/God save the Queen-She’s not a human being/There is no future-In England’s dream/(...)/God save the Queen-Tourists are Money/Our figure head-Is not what she seems/God save history-Save the mad parade/Lord have mercy-All crimes are paid//When there’s no future how can there be sin?/We are the flowers in the dustbin/We are the poison in the machine/We are the romance behind the screen//God save the Queen-We mean it man/We love our queen-God save”



16º

COLÓQUIO
DE MODA


EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

mesmo, pois ninguém fará nada por você”, os adeptos ao movimento se expressaram na arte, na poesia e criaram por meio da roupa, maquiagem e penteados uma estética própria que se desdobrou em influências constantes na moda muitos anos após seu surgimento. “O punk foi acima de tudo uma afirmação de identidade de uma pequena parcela da população, de determinadas metrópoles, que se encontrava à margem da sociedade e que procurou impor a sua individualidade através de um grupo social.” (VITECK, 2007, p.55). Desta forma, o punk tornou-se, muito rapidamente, um produto de cultura de massa ao atingir o *mainstream* musical e tendo sua estética incorporada pela indústria da moda.

A origem do movimento é contada por autores de forma às vezes divergente, pois há dúvidas se sua origem foi primeiramente na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Mas, há um consenso de que o movimento se inicia nos dois polos, Nova York e Londres, rodeados pela insatisfação da juventude diante das incertezas em relação ao futuro. No artigo *Por uma Historiografia do Punk*, Ivone Gallo faz uma revisão de alguns autores como Antônio Bivar, e McNeil e McCain que se debruçaram sobre o tema, além de citar trabalhos acadêmicos que contribuem para contar a história do punk. O livro de McNeil e McCain, *Mate-me, por favor: uma história sem censura do punk* (1997), é composto por uma série de entrevistas com os primeiros punks revelando o começo e desdobramento do movimento, no entanto seu valor acadêmico é questionável, com falhas relativas a registros de datas e locais e a inexistência de uma metodologia utilizada para as entrevistas.

Cabe aqui entender que a reconstrução histórica se valendo da oralidade, como no caso do livro *Mate-me Por Favor*, é feita, segundo Candau (2010), pela rememoração do sujeito entrevistado, que por meio de sua própria identidade produz uma narrativa, não estando assim livres de interpretações pessoais. Para a pesquisadora, o livro vem coberto de polêmicas a respeito de seu conteúdo, bem como pela morte prematura de vários entrevistados antes mesmo de sua publicação, tornando impossível atestar a veracidade de muitos fatos. Nos estudos de Pollack (1989) sobre memória, os relatos de entrevistados muitas vezes podem sofrer um processo de enquadramento na reconstrução de um fato ou da identidade de um grupo, enquadrado de acordo com o ponto de vista do



entrevistado. Nos relatos obtidos no livro de McNeil e McCain (2017), apesar da riqueza de detalhes, as informações devem ser analisadas de maneira cautelosa, levando-se em consideração o envolvimento pessoal na reconstrução da história do punk.

A fotografia foi um importante registro do movimento, através de inúmeras publicações da imprensa, avessa ou não ao movimento, deixou um vasto material de pesquisa. Segundo Le Goff (1990) a fotografia vem revolucionar a memória conferindo precisão e fidelidade, registrando o momento com precisão e uma verdade visual inéditas até então. Assim, valendo-se da memória registrada por meio da fotografia, a estética do movimento punk manifestada através da roupa vê-se para além de um fator de unificação. Há também um fator de influência para as gerações futuras. Inúmeros fanzines¹⁰, produzidos dentro da ideologia do “faça você mesmo”, próprios do movimento, revistas especializadas em música, as capas de discos das bandas, cartazes de shows oferecem um vasto material de pesquisa para analisar a roupa punk como um elemento identitário do movimento. Segundo Benarush (2012, p.115) a roupa, “quando vira memória, evidencia trajetórias cotidianas e propõe reflexões próprias que podem e devem ser comparadas às suas representações textuais e imagéticas.”

No caso da estética punk, analisar a roupa e mais precisamente, o sujeito que a está usando propõe uma rememoração de muitos aspectos inerentes ao movimento. A ligação do movimento punk com a moda vem de sua origem em Londres, quando o empresário musical Malcolm McLaren (1946-2010), recém-chegado de uma viagem a Nova York, inspirado no movimento que eclodia nos subúrbios daquela cidade, junta-se à estilista Vivienne Westwood (1941-). Esta parceria, aliada à criação da banda *Sex Pistols*, colocou o punk no cenário da moda e, em pouco tempo, transforma-se em produto de consumo de massa, contrariando seus próprios conceitos iniciais de irreverência e oposição ao *mainstream*. Para Rodrigues (2012), o impacto do braço londrino do

¹⁰fanzines: vocábulo formado a partir da contração das palavras inglesas *fanatic* (fanático) e *magazine* (revista), significaria revista de fãs. e resultam da iniciativa e esforço daqueles que se propõem a veicular produções artísticas ou informações sobre elas, que possam ser reproduzidas e enviadas a outras pessoas, por correio real ou virtual, fora das estruturas comerciais de produção cultural. (PEREIRA, Nuno. Cidade Desconhecida. Disponível em: <<http://cidadedesconhecida.com.sapo/pt>> Acesso em: 23 jul. 2018)

movimento foi tamanho, que até os dias de hoje, o movimento é mais conhecido pela sua extensão europeia do que por sua própria origem em Nova York.

Vivienne Westwood nessa época, já fazia parte do mundo da moda. Sócia de McLaren em uma loja em *West End* em Londres, a *Sex*, aproveitou da efervescência do movimento e ajudou a criar uma moda irreverente, que traduzia o espírito de inconformismo do jovem londrino e, segundo Rodrigues, “injetando esse conceito libertário nos mercados têxtil e de confecção”. (RODRIGUES, 2012, p. 61) Desta forma, foi em Londres que o movimento encontrou um código estético unificado, conferindo-lhe uma identidade consistente de pessimismo e decadência que resistiu ao tempo.

A moda punk

Os elementos da estética do movimento punk, representados no acervo fotográfico remanescente do movimento, traduzem um pouco de sua filosofia (Figura 1). Todo o vestuário, segundo Mendes e Haye (2003), buscava chocar deliberadamente. A cor preta predominava nas roupas, que contribuía para expressar o caráter ameaçador. Os trajes amarfanhados, de segunda mão, mostravam a negação aos princípios de consumo capitalista. As roupas militares oferecidas pelas lojas de roupas de segunda mão foram incorporadas não só pelas sobras do fim da guerra do Vietnã, mas também como discurso antimilitarista, uma vez que as peças eram usadas sujas, rasgadas e pintadas. Os sapatos pesados, coturnos e as famosas botas *DocMarten*¹¹ também constituíam uma herança de um passado de guerra. Muitas vezes as roupas eram usadas em camadas mostrando as várias camadas culturais a que eles estavam expostos. A filosofia do “faça você mesmo” que norteava a produção musical, também era evidenciada nas roupas de fabricação caseira e adaptação de peças e acessórios reutilizadas com outras funções.

Figura 1 – Cenas da moda punk

¹¹Doc Marten: botas utilitárias usadas pelos “Skinheads” nos anos de 1960.

16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021



Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/a5/de/47/a5de47b2ccd9b836d3d030affb398382.jpg>

Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/c0/5e/11/c05e11417d4ef1379f49ea57fd10da82.jpg>

Para as mulheres as minissaias, meias arrastão, muitas vezes rasgadas, tachas e correntes, referiam-se ao universo sadomasoquista e fetichista, bem como o uso do couro, borracha e PVC. As camisetas tinham palavras ou imagens obscenas e perturbadoras. Usavam símbolos como a iconografia nazista e fotos da Rainha Elisabeth com interferências perturbadoras, evidenciando o pouco caso com as posições político partidárias. Correntes, alfinetes, zíperes e lâminas, maquiagens com efeito de sangue, e com efeito de palidez evidenciavam o sofrimento individual. Cabelos espetados modelados com gel e cortes a maneira moicana completavam o visual punk do início do movimento (MENDES E HAYE, 2003, p.225-226).

A atitude irreverente do movimento logo tornou-se caricatural, transformando o visual punk em produto de consumo da indústria cultural. A roupa punk foi logo absorvida pela moda, “e teve um efeito revigorante na moda britânica e ajudou a restabelecer a reputação de Londres como inovadora do estilo jovem.” (MENDES; HAYE, 2003, p. 226) Dessa forma, as expectativas iniciais de rebeldia e transgressão incorruptível do movimento esvaíram-se ao serem incorporadas pelo sistema. As simbologias utilizadas pelos primeiros integrantes foram aos poucos perdendo sentido e se transformaram em memórias de uma ideologia.

O cenário punk atual

Segundo Rodrigues (2012, p. 78), a indumentária punk tem a intenção explícita de “agressão consciente”, o que torna o discurso punk visto através da roupa “autoexplicativo”. Em sua concepção a roupa extrai o “não-dito” do discurso punk. Lipovetsky (2009, p. 139) ainda acrescenta que na sociedade pós-moderna a nova moda



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


que surgia tinha como características a agressividade das formas, as colagens e justaposições de estilos, o desalinho que se identificam com a nova “galáxia cultural” que se descortinou na década de 1980. A sociedade reapropriou-se da iniciativa da aparência, revelando autonomia no parecer, criando seus códigos de vestir, a partir de um ideal individualista democrático e hedonismo de massa. As ideias originais do movimento, a filosofia do “faça você mesmo” que o movimento punk trazia na sua essência e estava em sintonia com o momento, foi então incorporada, retrabalhada e copiada incansavelmente.

Nos dias de hoje, a filosofia do movimento esvaziou-se, porém, alguns ícones de sua estética fazem parte do vocabulário criativo de muitos criadores de moda, bem como do cotidiano das pessoas. O uso de uma calça jeans rasgada nos joelhos não representa mais um protesto contra a Igreja Católica, como explica Rodrigues (2012), mas faz parte do vocabulário da moda jovem, descontraída, descompromissada, custando às vezes muito mais que uma calça jeans tradicional.

Nas coleções de alta costura elementos originários do punk começaram a aparecer ainda na década de 1990. Em 1994 a grife Versace criou para a atriz Elizabeth Hurley, um vestido longo preto, adornado com uma fileira de alfinetes de segurança dourados, talvez este seja o mais icônico dos exemplos da apropriação do movimento pela alta costura (Figura 2). O vestido fez parte da coleção exibida na exposição “*Chaos to Couture*” e foi usado recentemente pela cantora Lady Gaga.

A Chanel, prestigiada grife, que por muito tempo era sinônimo de uma roupa extremamente clássica, viu-se renovada ao incorporar elementos provenientes da estética punk. Na figura 3, o clássico conjunto de duas peças veio rasgado propositalmente em uma releitura do punk. A maquiagem, com pele clara e olhos pintados em preto, forma um contraste com o restante do conjunto. Este mesmo conjunto, fotografado pela revista Vogue, desta vez com a modelo penteada e maquiada em estilo punk, faz parte da reportagem que anunciava a exposição “*Chaos to Couture*”, exibida no Metropolitan Museum of Nova York em 2013.

Figura 2 – Vestido da grife Versace; figura 3 – Desfile Chanel 2013 e reportagem sobre a exposição “*Chaos to Couture*” na revista Vogue





Fonte: <https://cdn.newsapi.com.au/image/v1/4e5e3f2ad7a71ab5418bf72d2dfc0fc?width=650>

Fonte: https://3.bp.blogspot.com/-XsS2y0XmoFQ/UGxLSosj-GI/AAAAAAAAkOM/OxIetYe_xJ8/s1600/lady-gaga-safety-pin-03.jpg

Fonte: <http://img-new.orientpalms.com/local/cache-small/0x0/7/a/7a9a897e2cb8ee7054a186d281c90596-opt-resp600v.jpg>

Fonte: <http://www.ladiesngents.com/images/datafiles/1390.jpg>

As duas peças mostradas na figura 4, uma t-shirt e uma jaqueta de couro da grife Pierre Balmain, mostram a forte influência da estética punk nas coleções de 2012 da marca. A camiseta de malha traz um aspecto de suja e desgastada toda emendada com alfinetes de segurança. Já a jaqueta de couro é manchada também traz alfinetes de segurança, tachas pontiagudas e zíperes enfeitando toda a peça. Os sapatos (Figura 5) da grife Balmain apresentam uma estampa com elementos gráficos do punk e os sapatos Valentino da coleção 2013 foi todo aplicado com tachas pontiagudas misturando o estilo clássico e refinado dos sapatos de salto com a irreverência do estilo punk.

Figura 4 – Camiseta e jaqueta da grife Balmain 2012; Figura 5 – Sapatos grifes Balmain e Valentino



Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/9e/6b/4a/9e6b4a299fbaede3570027124b49dfd9.jpg>

Fonte: https://a.1stdibscdn.com/archivesE/upload/v_435/43_14/244014/244014_1.jpeg

Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/0d/c9/8e/0dc98e7f4eb4896ffa81b30bf1f6cde8.jpg>

16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/93/39/a4/9339a419a21c81ed4c88822d8f795eda.jpg>

Na figura 6, percebem-se os elementos do punk nos dias de hoje na atriz hollywoodiana, Kristen Stewart no desfile da Chanel, 2019. Vestida pela marca Chanel, apesar da sofisticação, a maquiagem, postura, cores, cabelo remetem à estética do punk o que faz parte de estilo pessoal.

Na figura 7 pode-se observar um modelo da Dior, 2019, em renda e tule, numa versão sofisticada contrastando com um cinturão de couro e fivelas e botas em estilo coturno. Estas extravagâncias de misturas de estilos permitidas na moda de hoje são uma herança da moda punk e da moda de rua que inspira as passarelas da alta costura nos dias de hoje. Esta produção mostra uma clara transgressão a certos padrões estipulados pela sociedade, pelo contraste de uma produção romântica, com acessórios mais robustos apropriados para outro estilo de vestimenta.

Figura 6 – Atriz Kristen Stewart; figura 7 – Desfile grife Dior



Fonte: www.instagram.com/p/BupKjV_HEfc/

Fonte: <https://cdn.newsapi.com.au/image/v1/fc689a4c2bd09338da55246cde2cf467>

Por meio destes exemplos pode-se comprovar que os elementos estéticos do punk estão vivos na moda até os dias de hoje. Muitas vezes revisitados ou mesmo de forma mais sutil, demonstra que as modificações propostas e a criatividade do movimento fizeram profundas mudanças no cenário da moda e muitas vezes aparecem de maneira quase imperceptível que só um olhar mais atento consegue decodificar.

Considerações finais

A partir da década de 1960, após os movimentos de revisão da história, a museificação apresentou um traço determinante da cultura ocidental, onde estas

instituições colecionam, arquivam e preservam as heranças culturais. A herança do rock'n'roll, não poderia ser excluída, uma vez que constitui um traço marcante da cultura jovem. Desta forma a presença de exposições do movimento punk com diversas curadorias tem sido significativa. Não é de se estranhar a convivência no museu *Madame Tussauds* de Blackpool, na Inglaterra, a figura de Johnny Rotten, integrante da banda *Sex Pistols*, entre estátuas de cera de personalidades famosas em um equipamento de arquivamento do patrimônio cultural britânico. Para concluir, os últimos anos foram testemunhos de uma avalanche de museus dedicados ao rock'n'roll e ao movimento punk em todo o planeta, como o caso do *Ramones Museum*, em Berlim (2005), o *Los Angeles Punk Rock Museum* (2012), *Museus Islandês Punk* (2016), entre muitos outros museus e exposições temporárias, comprovando a necessidade cultural de preservação da memória do movimento. As roupas materializam um passado e representam esteticamente um grupo social e cultural específico. Para o movimento punk a roupa representa uma forte característica identitária e unificadora. A interpretação de sua indumentária associada a uma pesquisa historiográfica proporciona uma compreensão, não só do movimento, mas também, da sociedade da qual ele emergiu. Atribui-se aqui a importância da roupa como objeto de memória ajudando a salvar a estética do movimento do esquecimento. “A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais”. (CHAUI, 1995, p. 125). Ainda encontraremos várias lacunas na historiografia do movimento punk, mas é por meio das memórias em seus diversos suportes que se fará possível a reconstrução da história de um movimento responsável por mudanças radicais na moda.

Referências bibliográficas

BENARUSH, Michelle Kauffmann. **A Memória das Roupas**. Revista Dobra[s], volume 5, número 12. Rio de Janeiro, 2012.

BENNETT, Andy. **'Heritage rock'**: Rock music, representation and heritage discourse. Centre for Public Culture and Ideas, Griffith University, 2009.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

GALLO, Ivone. Por uma Historiografia do Punk. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, nº 41, ps 283-314. Puc São Paulo. 2010.

GUERRA, Paula; ALBERTO, Thiago Pereira. **NEVERMIND...WHAT?memória, nostalgia, e os tensionamentos possíveis entre o punk e o museu na exposição“Nirvana: Taking Punk To The Masses”**. Compós, XXVII Encontro Anual, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2018.

HUYSSSEN, Andreas. **Memórias do modernismo**. Editora da UFRJ: Rio de Janeiro, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas. Editora Unicamp, 1990.

LIPOVETSKIE SERROY, Gilles e SERROY, Jean. **A Cultura-mundo**, respostas a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **A Estetização do Mundo: Viver na era do Capitalismo Artista**. Companhia das Letras, São Paulo. 2015.

MENDES, Valerie; HAYE, Amy de la. **A Moda do Século XX**. Martins Fontes, São Paulo. 2003.

POLLACK, Michael 1989. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, volume 2, número 3, Rio de Janeiro, 1989.

RODRIGUES, Daniel. **Anarquia na passarela: A Influência do Movimento Punk nas Coleções de Moda**. Editora Dublinense, Porto Alegre. 2012.

THE MET, disponível em: <https://www.metmuseum.org/exhibitions/listings/2013/punk> acesso em: 23 jul. 2018.

VITECK, Cristiano Marlon. **Punk: anarquia, neotribalismo, e consumismo no rock’n’roll**. RevistaEspaço Plural, nº16. 2007.

WILSON, Elizabeth. **Adorned in Dreams: fashion and modernity**. Londres e Nova Iorque: I.B. Taurus, 2003.

